



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 17, n. 9, art. 8, p. 161-174, set. 2020

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2020.17.9.8>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



Zeitschriftendatenbank



MIAR



Diadorim

Dialogismo e Perspectiva Dialético-Dialógica: Um Olhar Metodológico no Fazer Científico

Dialogism and Dialectic-Dialogical Perspective: A Methodological Look at the Scientific Development

Carlos Eduardo da Silva Ferreira

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP

E-mail: karloseduardoo@yahoo.com

Endereço: Carlos Eduardo da Silva Ferreira
Av. José Bonifácio, 1970 - Centro, Araraquara - SP,
14801-150, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 20/04/2020. Última versão recebida em 18/05/2020. Aprovado em 12/05/2020.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Este artigo propõe trabalhar reflexões e conceitos desenvolvidos a partir da óptica bakhtiniana dos estudos discursivos, a fim de apontar importantes processos no *fazer ciência* quando tomamos olhares que centralizem redes dialógicas como um modo metodológico de produção de sentidos. Debates sobre enunciação, sujeito, alteridade, dialogismo, valores ideológicos e ressignificação vão constituindo este trabalho, à medida que vamos caminhando no objetivo de dar contornos à importância da perspectiva dialógica nos diversos campos de atividades da interação social, principalmente na esfera científica, lugar ao qual direcionamos nossos dizeres.

Palavras-chave: Dialogismo. Fazer Ciência. Dialogismo.

ABSTRACT

This article proposes to work reflections and concepts developed from the Bakhtinian optics of discursive studies, in order to point out important processes in *scientific development* when we take a look that centralizes networks of dialogues as a methodological way of producing meaning. Debates about enunciation, subject, alterity, dialogism, ideological values and resignification are constituting this work as we move towards the goal of giving shape to the importance of dialectical-dialogic perspective in the various fields of social interaction activities, especially in the scientific sphere, place to which we direct our utterances.

Keywords: Dialogism. Scientific Development. Dialogism.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Como nascem os sentidos? Por que e como significamos?

A produção de um enunciado (um acontecimento, uma materialidade expressa) não pode ser estudada ou mesmo interpretada fora de seu contexto sócio-histórico, isso porque estão agregados valores sob formas historicamente em diálogo (correlação conflituosa ou harmoniosa) de diferentes grupos. Nesse sentido, estudar as relações entre eu e outro é promover redes de interpretações enunciativas sob enunciados em relações dialógicas. O analista contribuirá com seu excedente de visão frente aos cotejamentos interpretativos que desejar colocar em cena.

A ideia bakhtiniana de o ser humano ser cingindo com os aprendizados do/com o outro mostra-nos que o tal indivíduo não é senão, também, formas relacionais dos outros que se dão em *um*. É esse sistema radicular-pivotante, paradoxo, complexificado com que os acontecimentos singulares das nossas interações lidam.

Para isso, reconhecer a alteridade é condição para reconstruir os sentidos de viver, compartilhando as responsabilidades de nossas respostas ao nosso pertencimento ao humano em processo constante de se fazer. A linguagem é uma atividade constitutiva das consciências humanas e a certeza de que os sistemas linguísticos nunca estão prontos e acabados, mas vão se construindo na história, deve nos levar a retomar sistematicamente as enunciações, buscando detectar nelas mesmas os elementos indicadores de caminhos a percorrer (GERALDI, 2010). A imutabilidade do passado abre as portas para projeções de um futuro não fixo, não imóvel, nem imutável.

A Filosofia, como campo de estudos sistemáticos, possui como centralidade uma movimentação do pensamento, ou seja, esquematiza jogos sobre o “pensar do pensar”. A atitude filosófica diz respeito ao questionamento investigativo da existência dos seres humanos em suas culturas. É nesse diálogo constante de explicitações de nossos desdobramentos que o ato de existir vai ganhando espaço. Queremos, assim, no decorrer deste artigo, trazer para esta cena que se monta elementos que nos façam compreender, sob uma determinada óptica, que expressividades empregadas num dado momento histórico e/ou temporal, ou então o conjunto que forma um enunciado (o dito verbalmente, os gestos, os desenhos etc.: uma combinatória expositiva que se expressa), possuem extrapolações significativas entre o dito/feito e o significado dos atos. Isso nos toca sobre a ideia de

atribuições de valores mobilizados para produções de sentidos: relações entre sujeitos, ideologias, diálogo, resignificação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Bakhtin, ao lado de um conjunto de pensadores, artistas e teóricos, estabelece um grupo intelectual de pesquisas nas Ciências Humanas. Os escritos dele, em conjunção com este grupo – o nomeado Círculo de Bakhtin –, abordam uma variedade de assuntos, dando base a trabalhos de estudiosos posteriores, num grande número de diferentes tradições (o marxismo, a semiótica, vertentes na Análise do Discurso, estruturalismo, a crítica religiosa) e em disciplinas tão diversas como Crítica literária, História, Filosofia, Sociologia, Antropologia, Música e Psicologia. Embora Bakhtin fosse atuante nos debates sobre estética e literatura, que ganharam lugar na União Soviética na década de 1920, sua posição de destaque não se tornou bem conhecida até sua “redescoberta” por estudiosos russos na década de 1960.

O ser humano expressa-se. Essa condição psicossociobiológica tem por base uma regulação entre jogos que estabilizam sentidos possíveis em um determinado tempo e espaço, dentro de uma situação discursiva, em certo gênero discursivo, de certos modos de dizer. Configuram-se, assim, elementos de uma natureza interacional, de base dialógica, dialética, de confrontos, de embates entre formas expressivas e empirismo. É nas relações na natureza social que os espaços do confronto eu x outro se darão.

Dessa forma, nós nos constituímos e nos transformamos sempre pela relação com outro, uma vez que, como nos mostra Amorim (2004), a alteridade funda-se na relação entre o sujeito e seu outro, ou melhor, seus outros. A relação *eu-outro-outros*, em contextos sócio-histórico-culturais, instaura a possibilidade da ampliação dos horizontes dos sujeitos, no desdobramento dos lugares enunciativos, na multiplicidade de vozes, na configuração da polifonia entre *o que é dito* e *o como se diz*, em que “a palavra se dirige e nesse gesto o outro já está posto” (BAKHTIN/VOLÓCHINOV, 1992 [1929], p. 113). É nesse cenário discursivo que vozes, ou fios enunciativos, organizam os mais variados enunciados, referenciando determinadas expressividades a um grupo social ou a uma determinada temática.

Analogamente, Emerson (2010, p. 69), ao discutir os conceitos de diálogo e alteridade (trabalhados no círculo bakhtiniano), quando da constituição de subjetividades, salienta que “as palavras não podem ser concebidas sem as vozes que as falam” e fora do contexto social, histórico, cultural e político da situação de interação. No enunciado “sempre estão presentes ecos e lembranças de outros enunciados, com que ele conta, que ele refuta,

confirma, completa, pressupõe e assim por diante” (FIORIN, 2008 p. 21).

Este jogo exposto no excerto sobre o encoberto – *neblina* – e o exposto – *luz* – põe em questão o trabalho dialético-dialógico da busca da estabilização dos sentidos. Sendo o signo ideológico, a trama discursiva é puro caos, devir, polifônico. Interpretar, nesse sentido, é estabilizar provisoriamente uma possibilidade. Enunciar é estabilizar expressivamente valores. Dessa forma, podemos investigar pontos de referência e certos valores que sujeitos expressam por meio das vozes que nos chegam. Ampliando isso, toda interpretação é única, pois carrega um amálgama de valores singulares, com entonações peculiares.

Sendo assim, a busca de sentidos está condicionada dialogicamente por valores dos sujeitos dentro de um construto social, no embate entre eu e outro, entre a natureza natural e a natureza social, subjetivismo e objetivismo. O cotejamento discursivo instaurado pelo trabalho psicossociobiológico para uma estabilização provisória dos sentidos, num porto de passagens (GERALDI, 2003), coloca-nos a entender que o acontecimento do ato enunciativo único, singular e irrepitível, mas resultado de uma trama de dizeres, é elemento fundante para entendermos mecanismos de estruturação e funcionamento linguísticos. As palavras – no termo entendido dentro do conceito do círculo bakhtiniano referente a um turno ou a um argumento da trama de dizeres – ganham corpo material para a realização da expressividade dos sujeitos. Isso nos faz entender que interpretar é voltar-se para valores introjetados e ressignificados pelos sujeitos, permitindo, num determinado tempo e espaço, uma possível ancoragem.

O Círculo compreende que dialogismo e alteridade são fundamentos de uma binomia complexa que constitui e revela relações dialógicas entre *eu-outro*. Jobim e Souza e Albuquerque (2012) marcam isso dizendo que:

Dialogismo e alteridade, na obra de Bakhtin, são conceitos que não podem ser pensados separadamente. Alteridade, na sua concepção, não se limita à consciência da existência do *outro*, nem tampouco se reduz ao diferente, mas comporta também o estranhamento e o pertencimento. O *outro* é o lugar da busca de sentido, mas também, simultaneamente, da incompletude e da provisoriade. Essa perspectiva apresenta a condição de inacabamento permanente do sujeito, o vir-a-ser da condição do homem no mundo, assim como também denuncia a precária condição das teorias que buscam, através de uma linguagem instrumental, representar a totalidade da experiência do homem no mundo. O mundo conhecido teoricamente não é o mundo inteiro (p. 111, grifos das autoras).

Quando um professor diz ou quando alguém diz, por exemplo, diz de algum lugar social. Um dizer nunca possui álibi para sua existência. Não é possível, nessa perspectiva,

analisar um enunciado sendo este “neutro” de ideologias. A ideologia é uma forma de compreensão das realidades possíveis. É como se houvesse uma lente orgânica que direciona os contatos compreensivos entre o ser consigo e com o outro (alteridade). Quando temos a pergunta “Por que um professor de Ciências necessita, também, de formação filosófica?”, podemos fazer diálogos com uma memória do passado construída e reforçada por ideologias em circulação nas sociedades. O papel do analista do discurso é tecer fios que remontam tramas discursivas que relacionam sujeito, tempo e espaço entre si, analisando como rastros históricos refletem e refratam atos dos sujeitos nos processos de lutas ideológicas.

O ensinar, o aprender e o uso das formas linguísticas passam necessariamente pelo sujeito, o agente das relações sociais e o responsável pela composição e pelo estilo dos discursos. Esse sujeito se vale do conhecimento de enunciados anteriores para formular suas falas e redigir seus textos. Além disso, um enunciado sempre é modulado pelo falante para o contexto social, histórico, cultural e ideológico. É um constante agenciamento de sentidos.

Inter-relações sobre língua e linguagem podem nos suscitar o levantamento de atenção para o trabalho não só de recorte de ensino de língua, mas trazem à cena aspectos que centralizem sujeitos, nas mais diversas atividades sociais, como ponto de atribuição de sentidos, entendendo que uma concepção de linguagem leva a um posicionamento sobre como nos posicionamos no mundo, como nos entremos em jogos discursivos, como aprendemos, como ensinamos.

A ideologia é o material social particular dos signos, e os signos, por sua vez, só podem aparecer num terreno interindividual, eles devem estar socialmente ligados e pertencer a um mesmo grupo. Dessa maneira, Bakhtin (1992) aponta que a consciência individual deve ser explicada a partir de um meio ideológico, e não o contrário.

Inicialmente, é importante ressaltar que Bakhtin considera as Ciências Humanas mais dialógicas, por serem as “ciências do espírito”, cujo objeto é “o homem e sua especificidade”, onde ele, o homem, só pode ser estudado dentro do texto (BAKHTIN, 2000, p. 334), noção essa que ultrapassa o sentido de texto apenas como escrito e centra-se em texto como materialidade das expressividades humanas. Já as Ciências da Natureza estão sendo consideradas pelo excerto como “uma forma monológica do conhecimento” (BAKHTIN, 2000, p. 403).

No entanto, o autor não concebe uma total separação metodológica entre essas duas ciências. Atribuir ser um discurso monológico e dialógico, no discurso científico, pode nos ser aparentemente contraditório, sobretudo quando se trata de reflexões advindas do Círculo. Todavia, ao adentrarmos um pouco mais no pensamento do círculo bakhtiniano,

podemos passar a compreender que essa análise trata de momentos distintos (mas não estanques) que compõem o todo do ato da criação científica.

Marília Amorim (2004, p. 151), no importante livro *O pesquisador e seu outro*, interpreta que o monologismo, pelas reflexões do Círculo, pode ser compreendido como o “esquecimento da alteridade, que está na origem de seu dizer”, sendo, também, “uma etapa na vida criativa do autor”. A autora (p. 16) coloca-nos frente a uma interpretação, marcando que o discurso científico apresenta níveis dialógicos e níveis monológicos. No ato da criação científica instauram-se dois momentos: do monologismo e do dialogismo.

Em Para uma filosofia do ato [ético/responsável] (1993), assim se pronuncia Bakhtin:

O mundo como o conteúdo do pensamento científico é um mundo particular: é um mundo autônomo, mas não um mundo separado; é antes um mundo que se incorpora no evento unitário e único do Ser através da meditação de uma consciência responsável, em uma ação real. Mas o evento único do Ser não é mais algo que é pensado, mas algo que é, alguma coisa que está sendo real e inescapavelmente completado através de mim e de outros (completado *inter alia*, também na minha ação de conhecer); ele é realmente experimentado, afirmado de uma maneira emocional-volitiva, e a cognição constitui apenas um momento desse experimentar-afirmar.(...) Toda a razão teórica em sua totalidade é apenas um momento da razão prática, isto é, a razão da orientação moral única do sujeito, no interior do evento do Ser único (p. 12,13, grifos da obra).

Estamos entendendo que, quando o Círculo fala sobre o caráter monológico do discurso científico, há uma referência à especificidade desse discurso. Ao "reconhecê-lo, nessa diferença, significa justamente deixar espaço para outras modalidades discursivas" (AMORIM, 2004, p. 147-148). A autora enfatiza, ainda, que ao nos posicionarmos numa perspectiva dialógica, isso não significa recusar todo texto monológico, visto que o monologismo "tem sua produtividade, sua potência de dizer". Haveria, assim, um plano monológico do texto/discurso científico onde há marcas advindas de um processo interpretativo necessário para uma construção do ‘objeto’ de estudo, ou, melhor, momento de *exotopia*. Amorim diz que (p. 151) "o monologismo como esquecimento da alteridade, que está na origem de seu dizer, é também uma etapa na vida criativa do autor", isto é dizer que, na atividade linguística de enunciação, eu e outro se diluem por conta do processo de subjetivação de um enunciador.

Coloca Bakhtin (2000) que:

por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo), por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser

também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema. (...) As *tonalidades dialógicas* preenchem um enunciado e devemos levá-las em conta se quisermos até o fim o estilo do enunciado. Pois nosso próprio pensamento - nos âmbitos da filosofia, das ciências, das artes - nasce e forma-se em interação e em luta com o pensamento alheio, o que não pode deixar de refletir nas formas de expressão verbal do nosso pensamento (p. 317, grifos da obra).

Temos em Bakhtin (1993):

Uma teoria precisa entrar em comunhão não com construções teóricas e vida imaginada, mas com o evento realmente existente do ser moral – com a razão prática, e isso é responsabilmente completado por quem quer que conheça, na medida em que ele aceita a responsabilidade por cada ato integral da cognição, isto é, na medida em que o ato de cognição esteja incluído como *minha ação*, com todo o seu conteúdo, na unidade da minha responsabilidade, na qual e pela qual eu realmente vivo – executo ações (p. 12, grifos do autor).

Dessa reflexão, destacamos esse conjunto de práticas acadêmicas que atua num jogo ético de distribuição e referenciação de vozes. O que as Ciências Humanas também configuram como traço metodológico é a intensa reflexão de sua circulação de dizeres. Essa configuração de citação não se restringe às Humanidades, mas sim atua como ética na atitude de explicitações nos discursos científico-acadêmicos a respeito de trabalhos e campos atuantes nos quais os tomamos para investir um horizonte interpretativo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 Uma espiral se montando

A palavra “dialética” tem raiz grega: o prefixo “dia” indica reciprocidade ou troca, e “dialegein” indica a ação de trocar palavras ou razões, conversar ou discutir. Daí o nome *dialectike*, uma arte da discussão.

A compreensão dialética dos acontecimentos no mundo posiciona-se como um ângulo de olhagens sobre as enunciações. Assim, a posição dialética tradicional, assim como muito trabalhada na história da filosofia, principalmente com Hegel, transcorre num processo com uma tríade entre tese, antítese e síntese.

Para Hegel, a dialética da história existe como fio condutor de todas as coisas. Os eventos na história não se encontram separados. Essa abordagem traz em cena a perspectiva do materialismo histórico-dialético, yuma vez que este, a nosso ver, faz com que nos

sensibilizemos com cenários presentes, perguntando-nos sobre gêneses de determinadas condições sociais. Essa matriz filosófica engendra uma política escavatória das cenas do acontecimento. Somos convidados a enveredarmos em/por caminhos onde o “dito” e o “explícito” não se confirmam, ou seja, há uma contradição essencial que surge das diferentes perspectivas e dos diversos anseios instaurados nas ordens da vivência social. Para exemplificar estes dizeres: não há, no Brasil, programas de televisão em rede aberta veiculando em um grande período de suas programações diárias discussões sobre políticas reflexivas e há, de um outro lado, um grande período de tempo para o noticiamento de mortes, tragédias e prisões. Que valores estão expostos aos traçarmos esse cenário? Que desdobramentos esses valores exercem nas vivências de cada sujeito na sociedade? Quem assiste às programações? Por quê? Que políticas do cotidiano esses valores carregam e nos são trazidos?

Os acontecimentos do mundo, dessa forma, são situados e compreendidos por uma visão histórica que constitui as formas materiais possíveis das interações. Um acontecimento não surge espontaneamente, mas sim é engendrado por meio de jogos dialéticos.

Podemos entender que esse contínuo trabalho de idas e vindas que constroem o mundo enquanto material perceptivo é operado por meio da ressignificação, conceito emergente no Círculo de Bakhtin.

Para o Círculo, no embate entre um dado/já-dito e um novo temos aquilo que se conserva e aquilo que se altera. A condição essencial, por assim dizer, do diálogo é a sua contradição, posicionada por conta da refração dos olhares nas singularidades dos momentos de interação. Esse processo da ressignificação/mudança pode ser imagetivamente compreendido pela figura espiral. A espiral realiza seu movimento de construção a partir de um ponto de partida. Realizará um percurso de expansão, de compreensão, de descentralização, de busca de produção de sentidos. E, ao realizar um retorno a uma centralização, não mais volta a um mesmo ponto, pois este já não é mais o mesmo, mas sim um diálogo do que era e do que se apropriou nas andanças. A dialética não é, portanto, circular, mas sim espiralada. O diálogo, portanto, em sua constituição, é sempre um ato singular de colocar em movimento esse processo de produção de sentidos.

Conciliar o dialogismo bakhtiniano com esse eixo dialético é, senão, aquilo que o Círculo compreende sobre interação humana no interior das atividades sociais e de atividades de construção de si. A dialética bakhtiniana emerge do diálogo e nele se prolonga, colocando sujeitos e textos em um permanente itinerário dialógico.

O fazer ciência passa centralmente pelo viés da explicitação de olhares e da argumentação.

Embora evidente que qualquer ciência é humana, pois vem de atividades humanas de conhecimento, o termo “ciências humanas” designa as ciências que possuem o próprio ser humano como objeto de análise. A situação dessas ciências configura arranjos especiais.

Primeiramente, porque a colocação do homem como objeto de estudo científico é um foco engendrado somente no século XIX. Até esse ponto, cabia à Filosofia tudo quanto se referenciava ao humano.

Pelo motivo de surgirem após as ciências matemáticas e naturais serem empregadas como definição para um ideal de cientificidade, metodologia e conhecimento científico, as humanidades, como processo/grupo amplo científico, tenderam – forçosamente – a “imitar” e copiar o paradigma estrutural-metodológico que aquelas ciências haviam postulado paradigmaticamente, estudando o homem como objeto natural – no sentido de natureza –, matematizado e experimental. Dessa maneira, “para ganhar respeitabilidade científica, as disciplinas conhecidas como ciências humanas procuraram estudar seu objeto empregando conceito, métodos e técnicas propostos pelas ciências da natureza” (CHAUI, 2010, p. 312).

Sobre a ideia da formação da base do conceito de ciência, analisemos dois textos inspirados na discussão da gênese científica:

A ciência é uma forma sistematicamente organizada do pensamento objetivo. (...) Da magia – considerada um conjunto de práticas destinado a aproveitar os poderes sobrenaturais – a ciência teria conservado uma aparência de mistério e gravidade ritual, traço que ainda hoje surpreende a maioria dos espíritos. Do feiticeiro ao cientista há apenas um pequeno passo, fácil de transpor, quando considerados os “milagres” da ciência moderna. Quanto mais escapam aos nossos sentidos as forças naturais das quais ela se aproveita (ondas hertzianas, eletricidade, emissões eletrônicas), mais parece ela realizar os sonhos dos mágicos. [...] A ciência, entretanto, apenas poderá ser magia aos olhos de espectadores, pois apenas se libertando da magia que a ciência propriamente dita pode desenvolver-se (GRANGER apud CHAUI, 2010, p. 306).

Hoje, quase às vésperas da entrada gloriosa do século XXI, pouca gente, talvez, se dê conta de que a ciência já se apropriou do lugar outrora ocupado pela magia ou pela religião. A ciência é hoje a religião do homem moderno, que se considera ‘iluminado’. Enquanto a tecnologia lhe fornece incessantemente novos inventos e engenhos ‘milagrosos’, a ficção científica mantém acesa a promessa de perspectivas cada vez melhores e mais incríveis, e a chamada literatura de divulgação — cada vez mais proeminente nos jornais e revistas de consumo em massa — cumpre a sua missão de levar aos quatro cantos do mundo a palavra da ‘razão científica’. Tão inquestionável se tem tornado o prestígio da ciência entre os leigos nos dias de hoje que qualquer gesto que possa ser interpretado como uma ameaça a sua hegemonia corre o risco de ser taxado de blasfêmia, ou, no mínimo, submetido ao ridículo público (RAJAGOPALAN, 1991, p. 12).

Tanto um quanto outro texto expõe a ligação da gênese investigativa da ciência com os rumos do ideal mágico do estar no mundo. Na verdade, todo o questionamento humano provém de relações organizadoras/ordenadoras que tentam atribuir aos diversos fenômenos (físicos, químicos, biológicos, linguísticos...) uma espécie de explicação estabilizante dos conflitos de si: como *eu*, ser no mundo, invisto significado para os acontecimentos? Pensar na questão valorativa dos pontos de vista equivale a investigar questões profundamente arraigadas nos sujeitos e suas inter-relações, com ideologias em debate num lugar e num momento histórico, nas condições de circulação e interdição ou não de discursos nas diversas esferas sociais de interações. Tomar esses olhares significa, de modo investigativo, vislumbrar um ato ético, no que se refere à reflexão e refração de olhares de um sujeito-autor-coenunciador na dinâmica da arena que são os discursos, ou seja, é promover novos sentidos no entremeio das reverberações.

Numa dicotomia operacional entre *senso comum x ciência* desenvolveram-se passos que delimitariam um campo do outro e, além disso, pessoas que se delimitariam a cada um destes. Enquanto o senso comum é expresso em opiniões e sentimentos individuais, tende a uma análise qualitativa dos efeitos em nossos sentidos e desejos, é ora individualizante (pelos sentidos), ora generalizante (opinião sem ideia de passado transformador), tem vínculo com os hábitos, preconceitos e tradições cristalizadas, a atitude científica é objetiva, quantitativa, busca padronizações, é homogênea, generalizadora, é diferenciadora (não reúne por semelhanças aparentes, mas distingue iguais), apenas estabelece relações causais após investigações da natureza ou da estrutura do fato na relação com semelhantes e diferentes, surpreende-se com a regularidade, distingue-se da magia, é resultante de um trabalho dito racional.

Partindo da ideia de que a expressividade é constituinte do ser humano e, para tanto, os sujeitos se expressam e interpretam interações das expressões/manifestações por meio de processos de entendimentos psicossociobiologicamente em construção, podemos tomar que a preocupação formalizada para pesquisas que focalizam/recortam ações dos sujeitos torna-se um exercício metodológico de um fazer científico, não mais calcado num modelo exclusivista laboratorial que legitima um pesquisador.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 Para (não) encerrar

Podemos dizer que, no desenvolvimento de reflexões no campo científico, não podemos negar a existência de diálogos e as participações daqueles que pesquisam com as investigações e atuações que já se fizeram/que se fazem. Ou seja, cada lugar metodológico tem suas ações mais realizáveis e, em instâncias mais profundas, podemos configurar relações de que cada sujeito tem suas hipóteses e atuações na competência linguística, afinal, os estudos das mais diferentes áreas da Linguística vêm ratificando há tempos a centralidade do ‘falante’, dos sujeitos.

Não é apenas contextualizar para que se delineie um trabalho meramente especulativo, mas sim que haja uma organicidade dessa reflexão. Na prática, há um enorme conflito, pois o discurso deste texto que escrevo, por exemplo, ao entrar (migrar) na esfera escolar, encontrará embates específicos dessa esfera.

Mas, ao contrário de uma leitura polarizada entre teoria e prática, ainda assim, ao nos integrarmos numa perspectiva como esta, dialógica, nós nos posicionaremos centralmente para as lutas dos acontecimentos da vida. Não temos uma teoria descolada da práxis. A análise do discurso que realizamos se volta profundamente para uma concepção metodológica, ou seja, num modo que nos encaminha para o trabalho das instâncias do instável.

É de fundamental importância ressaltar que, como a ciência também é um desenrolar sócio-histórico, ela traz consigo ideologias, estratégias e paradigmas no embate.

Dessa maneira, podemos compreender que a perspectiva dialético-dialógica bakhtiniana, no nosso ponto de vista, coloca-nos a ler o mundo munidos de uma fina sensibilidade atenciosa a efeitos de produção de sentidos nas relações ideológicas intersubjetivas, que são dinâmicas, complexas, sistêmicas. Concebemos, nesse parâmetro, que, sendo os processos interpretativos assimétricos uns aos outros pela diferença subjetivo-relacional de cada sujeito, entendemos que os sujeitos enfrentam um “problema de construir, no fluxo das instabilidades, uma estabilidade, e confessá-la ao Outro como uma posição provisória que permite propor uma hipótese” (GERALDI, 2003, p. 259). Há de se ressaltar, porém, que é nessa condição instabilizante que nós, sujeitos, nos instauramos como sujeitos, levando-nos a entender, assim, que a estabilização, o acabamento é sempre provisório, relação essa que permite o desdobramento espaço-temporal dos sujeitos, atrelando potencialmente uma memória do passado, um presente presentificado e uma memória de futuro, constituintes de um projeto de dizer. Podemos analisar que a noção de leitura utilizada por Geraldi no trecho supracitado não diz respeito apenas à leitura da palavra escrita,

mas sim a uma atividade maior, global, de posicionamento de si na relação com o Outro, numa leitura de mundo(s).

Nossas palavras estão imbricadas com a palavra do outro. A produção do conhecimento científico ocorre, decerto, na rede de relações sociais. Portanto, é necessário marcar que, vistos estes entornos, o plano da construção dos discursos científicos é embasado em encontros e confrontos de discursos, autores, leitores, textos, teorias. Formamos, assim, um tecido de vozes, marcado integralmente pelas relações dialógicas e pela alteridade.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, julho/ 2002.

_____. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.

BAKHTIN, M. M **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BAKHTIN, M. M./VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo de filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, 6 ed. São Paulo: Hucitec, 1992 [1929].

CHAUÍ, M. **Iniciação à filosofia**. São Paulo: Ática, 2010.

EMERSON, C. Palavra exterior e fala interior: Bakhtin, Vygotsky e a internalização da linguagem. In: RIBEIRO, A. P. G.; SACRAMENTO, I. (Orgs.). **Mikhail Bakhtin: linguagem cultura e mídia**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010, p. 65-92.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GERALDI, J. W. Depois do 'show', como encontrar encantamento? **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, (44): 251-261, Jan./Jun. 2003.

_____. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

JOBIM E SOUZA, S; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em Ciências Humanas: uma leitura bakhtiniana. **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 109-122, Jul./Dez. 2012.

RAJAGOPALAN, K. Prefácio. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Um fazer persuasivo**: o discurso subjetivo da ciência. Campinas: Pontes, 1991.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

FERREIRA, C. E. S. Dialogismo e Perspectiva Dialético-Dialógica: Um Olhar Metodológico no Fazer Científico. **Rev. FSA**, Teresina, v.17, n. 9, art. 8, p. 161-174, set. 2020.

Contribuição dos Autores	C. E. S. Ferreira
1) concepção e planejamento.	X
2) análise e interpretação dos dados.	X
3) elaboração do rascunho ou revisão crítica do conteúdo.	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X